

María Marcela Mazzini e Fernando Soler, eds.
*Teología de la conversación en el Espíritu:
Una exploración interdisciplinar.*

Buenos Aires: Agape Libros, 2024

ISBN: 978-987-640-737-3, 313 páginas

LUÍS M. FIGUEIREDO RODRIGUES*

A presente recensão propõe-se apresentar e analisar criticamente a obra coletiva *Teología de la conversación en el Espíritu: una exploración interdisciplinar*, publicada em finais de 2024 pela editora Ágape, sob a coordenação de Maria Marcela Mazzini e Fernando Soler. Trata-se de um volume que surge como resposta a um momento particularmente sensível e decisivo da vida eclesial: a redescoberta da sinodalidade como forma de ser Igreja e, com ela, a valorização crescente da “conversação no Espírito” como prática e método de discernimento comunitário.

Num contexto em que a Igreja procura passar de uma lógica piramidal para uma cultura de escuta mútua e corresponsabilidade, esta obra assume o desafio de pensar teologicamente um conceito em construção, ainda não plenamente sistematizado, mas já amplamente mobilizado nos processos sinodais convocados pelo Papa Francisco. Com uma abordagem interdisciplinar que articula teologia, Escritura, história, psicologia e práticas pastorais, o livro oferece uma contribuição plural, enraizada

* Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia; Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião; <http://orcid.org/0000-0002-6949-565X>; figueiredorodrigues@ucp.pt.

nas tradições espirituais cristãs, mas voltada para as exigências e interpeleções do presente.

A resensão que se segue procurará apresentar os diversos capítulos agrupados nas quatro partes da obra — fundamentos teóricos e bíblicos, perspectivas históricas, dimensões teológicas e eclesiológicas, e desafios e aplicações práticas —, propondo, por fim, uma apreciação crítica geral que sublinhe a importância deste volume no atual processo de renovação eclesial.

A *Introdução*, de Marcela Mazzini, apresenta-se como um texto programático e inspirador, que cumpre a função de situar o leitor no propósito e na estrutura da obra. Mazzini parte da imagem emblemática de Lucas 24,15 — «Enquanto conversavam e discutiam, Jesus aproximou-se e caminhava com eles» — para afirmar que a conversação no Espírito não é mero debate de ideias, mas um caminhar em conjunto, marcado pela busca partilhada e pela presença do Senhor. Esse ponto de partida é teologicamente rico, pois enraíza a proposta do livro na experiência pascal e no modelo bíblico do discernimento em caminho.

Mazzini destaca que, embora o termo “conversação no Espírito” seja usado nos documentos sinodais, há pouca produção teológica sistemática sobre o tema. Isso justifica o projeto do livro: não apenas como uma coletânea de técnicas comunicacionais, mas como um aprofundamento teológico sobre o modo como Deus atua nas interações humanas. O mérito aqui está em situar claramente o projeto no contexto sinodal atual, mostrando a sua relevância e urgência para uma Igreja chamada a ser “constitutivamente sinodal”.

Outro aspeto positivo desta introdução é sua honestidade metodológica. Mazzini conta que o grupo de autores não procurou inicialmente uma definição única do que seria “conversação no Espírito”; preferiu abrir espaço para uma reflexão plural, confiando que o próprio processo de diálogo entre os capítulos configuraria um exemplo concreto do tema tratado. Essa escolha é coerente com a lógica sinodal, mas também acarreta riscos: a pluralidade pode levar a uma certa dispersão conceptual, como o próprio livro acaba por mostrar em alguns momentos.

Contudo, podemos assinalar uma limitação que pode ser significativa: embora Marcela Mazzini explique com cuidado as intenções do projeto e a estrutura dos capítulos, falta-lhe uma problematização mais crítica dos desafios metodológicos que tal empreendimento interdisciplinar enfrenta. Como lidar com as inevitáveis tensões entre perspectivas tão distintas (bíblicas, históricas, psicológicas, feministas, pastorais)? Como evitar que este diálogo se torne apenas justaposição de vozes, sem um fio condutor teológico mais robusto? Essas perguntas ficam abertas, o que não é necessariamente mau, pois convida o leitor a elaborar as suas próprias sínteses e perspectivas de futuro.

A *primeira parte* do livro *Teología de la conversación en el Espíritu* oferece um alicerce fundamental para a obra, reunindo dois capítulos densos e complementares. O primeiro, intitulado “La conversación como método en teología. Presupuestos”, escrito por Olvani Sánchez Hernández e Anderson Fabián Santos Meza, é uma exploração metodológica que procura fundamentar a “conversação” como verdadeiro método teológico. Os autores percorrem a história do pensamento, desde Platão, passando por Agostinho, Abelardo e Tomás de Aquino, até chegar a autores modernos e contemporâneos, como David Hume, Gadamer e Marcella Althaus-Reid. O texto evidencia que, embora a conversação tenha sido sempre central, quer enquanto prática, quer enquanto forma literária, nem sempre foi explicitamente assumida como um método na teologia. A reflexão é estruturada em três momentos: primeiro, apresentam os antecedentes históricos, mostrando como o diálogo foi valorizado como espaço de encontro e transformação; depois, fazem uma análise fenomenológica, entendendo o diálogo como experiência humana profunda, que envolve não apenas a troca de informações, mas uma abertura radical ao outro e à construção conjunta de conhecimento; finalmente, propõem incorporar esse modelo na teologia, inspirando-se na chamada “teologia a quatro vozes”, conceito trabalhado por Clare Watkins.

Esta proposta integra quatro níveis complementares de discurso teológico: a voz operativa, que é a teologia vivida nas práticas concretas das

comunidades, muitas vezes sem explicitação verbal; a voz declarada, que corresponde ao que as pessoas ou grupos dizem explicitamente acreditar e professar; a voz normativa, que provém das fontes oficiais e autorizadas da tradição cristã; e a voz formal, representada pela reflexão teológica acadêmica desenvolvida em universidades e centros de investigação. Juntas, estas vozes oferecem um panorama rico e complexo do discernimento e da prática eclesial, mostrando que a verdadeira reflexão teológica emerge do encontro dinâmico entre o vivido, o professado, o normativo e o acadêmico.

Este capítulo destaca-se pela ousadia e inovação da proposta metodológica, mas mantém ainda um tom programático, deixando entrever a necessidade de um desenvolvimento mais aprofundado e amadurecido desta metodologia no futuro.

O segundo capítulo, “Más allá del monólogo. Una exploración de la conversación espiritual en la Biblia en clave sinodal”, assinado por María José Schultz e Eleuterio Ruiz, realiza uma incursão exegética cuidadosa, buscando nas Escrituras intuições que possam iluminar os processos sinodais atuais, ainda que a categoria de “conversação espiritual” não esteja formulada explicitamente nos textos bíblicos. Os autores percorrem episódios-chave do Antigo e do Novo Testamentos. Do Antigo Testamento, destacam o Salmo 73, onde o orante, perturbado pelo sucesso dos injustos, entra no santuário de Deus e, através da oração, alcança uma nova compreensão; o Salmo 12, que oferece uma reflexão sobre a verdade que emerge do confronto com discursos enganosos; e os relatos de Caim e Abel, bem como de Abraão e Isaac, que demonstram como o silêncio ou a falta de comunicação podem conduzir à rutura e à morte. No Novo Testamento, exploram a conversa de Jesus com a mulher siro-fenícia, que revela uma abertura inesperada à alteridade; o encontro entre Pedro e Cornélio, símbolo da inclusão dos gentios na comunidade; a história do cego de nascimento em João 9, que evidencia a resistência ao reconhecimento da verdade; e a Carta a Filémon, que exemplifica um discernimento pastoral concreto em relação a dilemas éticos e sociais. Este capítulo destaca-se pela riqueza das análises bíblicas, mostrando que

as atitudes de escuta, abertura e discernimento já estão presentes nas Escrituras e podem inspirar práticas sinodais atuais. No entanto, sente-se a ausência de uma conclusão mais sistematizada que integre as múltiplas cenas apresentadas, deixando ao leitor a tarefa de fazer uma síntese e extrair as lições principais.

Em conjunto, os dois capítulos, que constituem a primeira parte, oferecem uma base sólida para a obra, articulando uma proposta metodológica original e uma galeria rica de exemplos bíblicos que legitimam a relevância teológica da conversação no Espírito. Embora sejam textos desafiadores e densos, que exigem do leitor um esforço ativo de síntese, cumprem a função de situar a conversação não como acessório, mas como núcleo vital da reflexão e prática eclesial no horizonte sinodal.

A *segunda parte* da obra, dedicada às perspectivas históricas, oferece uma incursão profunda nos modos como a conversação espiritual foi compreendida e vivida em diferentes momentos da tradição cristã. Esta parte, composta por três capítulos, traz uma riqueza de análises que conectam as raízes antigas, medievais e contemporâneas com o atual esforço sinodal.

O primeiro capítulo, assinado por José Carlos Caamaño, analisa o papel da conversação, do testemunho e da tradição nas primeiras comunidades cristãs, centrando-se especialmente no pensamento de Inácio de Antioquia. Caamaño propõe uma releitura crítica que desafia interpretações tradicionais que vislumbram em Inácio de Antioquia apenas o precursor do modelo episcopal monárquico. Em vez disso, ele destaca a dimensão relacional e escatológica da sua compreensão ministerial: para Inácio de Antioquia, ser bispo não é estar acima, mas caminhar junto com a comunidade no discipulado. O autor argumenta que, para Inácio de Antioquia, a vida comunitária é essencialmente litúrgica, marcada por intercâmbio, comunicação e serviço mútuo, o que oferece uma contribuição preciosa para repensar hoje as formas de autoridade e liderança na Igreja. O ponto forte deste capítulo está na recuperação de uma figura antiga muitas vezes reduzida a esquemas institucionais, mostrando que já

nas origens havia um entendimento comunitário, dialogal e testemunhal da fé. Contudo, uma limitação é que o capítulo poderia ter explorado mais como essas intuições foram, ou não, transmitidas ao longo dos séculos, ligando melhor o passado com o presente.

O segundo capítulo, de Geraldo Luiz De Mori e José Federico Castillo Tapia, trabalha a conversação espiritual em Inácio de Loyola e nas fontes da espiritualidade inaciana. Trata-se de uma análise que articula biografia, textos normativos (como os *Exercícios Espirituais*) e a prática ministerial, mostrando como o discernimento pessoal e comunitário se desenvolve no quadro da espiritualidade jesuítica. Os autores destacam que os *Exercícios* e as *Constituições* da Companhia de Jesus funcionam como verdadeiros “manuais” de conversação espiritual, organizando processos de conversão interior, formação apostólica e missão comunitária. Um mérito especial deste capítulo é que ele vai para além da abordagem meramente teórica, oferecendo instruções específicas deixadas por Inácio de Loyola para práticas concretas de conversação espiritual em diversos contextos. Essa atenção ao detalhe prático aproxima o leitor das dificuldades e riquezas dessa experiência, que não é apenas introspectiva, mas comunitária e missionária. Ainda assim, o texto poderia ter sido mais crítico ao abordar também as tensões, limitações e riscos de institucionalização que a tradição inaciana enfrentou ao longo da sua história.

Por fim, o capítulo de Ricardo Miguel Mauti estabelece um contraste provocador entre duas abordagens contemporâneas: de um lado, a teologia ecumênica de Walter Kasper, marcada pelo diálogo e pela abertura; do outro, os processos disciplinares e autoritários conduzidos pela *Congregação para a Doutrina da Fé* (CDF), muitas vezes criticada pela falta de transparência e colegialidade. Mauti examina casos concretos de teólogos investigados ou sancionados pela CDF, mostrando as consequências pessoais e institucionais desses procedimentos. Ele argumenta que os métodos da CDF estão em tensão com os princípios de diálogo e colegialidade promovidos pelo II Concílio do Vaticano e que a conversação no Espírito, adotada pelo recente Sínodo, oferece um modelo mais construtivo para lidar com diferenças teológicas. Este capítulo é

especialmente valioso por trazer a reflexão histórica para o presente, mostrando que a reforma das estruturas disciplinares é urgente para que a Igreja possa encarnar um verdadeiro estilo sinodal. No entanto, a crítica à CDF, embora pertinente, por vezes assume um tom unilateral, sem explorar suficientemente as razões institucionais ou os contextos complexos que podem ter levado à adoção de certos procedimentos.

Em síntese, a segunda parte da obra é enriquecedora ao conectar tempos, figuras e tensões históricas com a reflexão sobre a conversação espiritual. Ela mostra que a escuta comunitária e o discernimento não são invenções recentes, mas estão inscritos nas raízes e nas vicissitudes históricas da Igreja. Contudo, para além das análises históricas, esta parte desafia o leitor a perguntar: como integrar essas heranças, com as suas riquezas e feridas, nos processos sinodais atuais? Esse é o horizonte que a parte histórica, com o seu carácter eminentemente reflexivo, abre, mas que os capítulos poderiam ter articulado de forma mais programática no final, traçando pistas mais explícitas de aplicação. Trata-se de uma secção fundamental, que reafirma que a conversação no Espírito é não apenas um método pastoral, mas uma marca profunda da tradição viva da Igreja.

A terceira parte foca as dimensões teológicas e eclesiológicas da conversação no Espírito, oferecendo duas contribuições significativas, assinadas por Lúcia Pedrosa-Pádua e Sandra Arenas, que aprofundam a reflexão sobre os fundamentos espirituais e as implicações eclesiais do tema. Esta parte marca um ponto de viragem neste trabalho, pois transita do plano histórico e metodológico para um horizonte mais propriamente teológico e estrutural.

O capítulo de Lúcia Pedrosa-Pádua, intitulado “Teología espiritual y conversación em el Espíritu: Luces sobre un nuevo tema”, destaca-se pela ousadia em situar a conversação espiritual não apenas como uma prática pastoral ou sinodal, mas como uma dimensão essencial da relação entre Deus e a humanidade. A autora articula cinco eixos centrais: a conversação espiritual como expressão da relação Deus-humano; a criação pelo Verbo como convite ao diálogo; a ação concreta do Espírito Santo

na história; a participação humana no diálogo divino; e a oração como espaço de escuta não só da Palavra e do povo, mas também da terra. Um mérito notável deste texto é que ele recupera fontes místicas — como Teresa de Jesus e João da Cruz —, bíblicas e do Magistério para propor uma espiritualidade integrada, libertadora e multidimensional. Pedrosa-Pádua vai além das categorias institucionais e desafia a Igreja a pensar a conversação no Espírito como um caminho de formação para sujeitos espiritualmente maduros, capazes de integrar palavra, silêncio e ação. No entanto, apesar da riqueza das imagens e fontes, o capítulo tem o *déficit* de não sistematizar suficientemente as suas propostas: a leitura, por vezes, dá a impressão de uma sucessão de intuições brilhantes, mas pouco articuladas num quadro teórico robusto. Teria sido valioso apresentar, por exemplo, um modelo explícito de como essas intuições poderiam ser traduzidas em processos concretos de discernimento e decisão eclesial.

O capítulo seguinte, escrito por Sandra Arenas e intitulado “Eclesiología desde el lugar del otro/a: Aspectos eclesiológicos de la conversación em el Espíritu”, mergulha numa análise lúcida e crítica das implicações da conversação no Espírito para a compreensão da Igreja. Arenas começa por destacar que toda a eclesiologia carrega consigo consequências éticas e que a visão que se tem da Igreja afeta concretamente a vida das pessoas e das comunidades. Ela explora com atenção a noção de catolicidade, entendida não como uniformidade, mas como chave para integrar a diversidade. Analisa as tensões entre o local e o universal, mostrando como a sinodalidade pode inspirar uma “governança” eclesial mais participativa e corresponsável. Um ponto particularmente forte deste capítulo é a clareza ao mostrar que a conversação no Espírito não deve ser restrita a momentos pontuais ou apenas à fase de escuta nos processos eclesiais, mas deve permear todas as fases, inclusive as da decisão e execução. Arenas é realista: reconhece que o modelo sinodal ainda é mais um “dever ser” do que uma realidade plenamente incorporada, mas não deixa de apontar que este caminho é imprescindível para uma Igreja que queira ser relevante no mundo contemporâneo. Uma possível limitação do texto é a ausência de uma abordagem mais aprofundada das resistências

internas que se levantam frente a essas mudanças: embora o diagnóstico das potencialidades seja convincente, a autora poderia ter desenvolvido mais os obstáculos concretos — culturais, estruturais e teológicos — que tornam essa transformação tão desafiadora.

Em conjunto, a terceira parte da obra oferece uma das contribuições teologicamente mais densa e desafiadora do livro. Tanto Pedrosa-Pádua quanto Arenas rompem com uma visão limitada da conversação espiritual, como mero instrumento de consulta ou método organizativo, para a propor como um elemento estruturante da própria identidade e missão da Igreja. São textos que obrigam o leitor a confrontar-se com questões fundamentais: quem somos como comunidade de fé, como ouvimos Deus e os outros, como decidimos, como integramos a diversidade e a autoridade? Apesar de alguns limites na sistematização e na atenção aos desafios concretos, esta parte do livro é crucial porque reafirma que, sem uma base espiritual sólida e uma eclesiologia aberta e autocrítica, qualquer processo sinodal corre o risco de se reduzir a meros procedimentos ou estratégias organizativas, esvaziados do verdadeiro sentido transformador.

A quarta parte da obra *Teología de la conversación en el Espíritu*, dedicada aos desafios e aplicações práticas, reúne três capítulos que ampliam significativamente o debate, deslocando-o para os terrenos concretos da psicologia, do dissenso e das questões de gênero. Esses textos mostram que a conversação no Espírito não pode ser reduzida a um modelo idealizado de harmonia ou consenso fácil, mas deve enfrentar a realidade das tensões humanas, sociais e eclesiais.

O primeiro capítulo, de Rodolfo Nuñez Hernández, examina “La confianza: una dimensión psicológica clave en la conversación en el Espíritu”. Nuñez Hernández argumenta que para que o diálogo comunitário e espiritual funcione, não basta a boa vontade ou métodos certos: é necessário lidar com os fatores psicológicos que determinam a capacidade de confiar. Ele explora temas como empatia, estilos de apego, esquemas mentais desadaptativos e distorções cognitivas, mostrando como

cada participante num processo sinodal traz consigo uma bagagem emocional e relacional que pode tanto facilitar quanto bloquear o diálogo. Um ponto forte deste capítulo é a coragem de confrontar uma dimensão frequentemente ignorada na teologia prática: a psicologia concreta dos indivíduos e grupos. Sem essa atenção, os processos sinodais correm o risco de permanecer num nível abstrato, sem tocar nos bloqueios reais que afetam a escuta e a abertura. No entanto, o texto poderia ter sido mais aprofundado ao propor estratégias concretas para cultivar a confiança e superar os obstáculos psicológicos.

O capítulo seguinte, de Antonio Ernesto Palafox, intitulado “El disenso en la conversación en el Espíritu y en los procesos eclesiales”, constitui uma das contribuições mais provocadoras do volume. Palafox parte da constatação de que, embora os processos sinodais valorizem formalmente a escuta e o discernimento, muitas vezes há uma tendência a buscar o consenso a qualquer custo, reduzindo o dissenso a um problema ou ameaça. Ele defende, em contrapartida, uma “apologia teológica do dissenso”, inspirada na teologia da diferença de Michel de Certeau, argumentando que o desacordo é vital para o crescimento da Igreja, pois gera novas ideias, amplia a participação eclesial e promove a tolerância. O capítulo vai além do plano teórico, sugerindo formas de integrar o dissenso nos processos de decisão e discernimento eclesial, propondo uma verdadeira inclusão das vozes minoritárias e dissidentes. Este texto é especialmente valioso porque desafia a noção, ainda muito difundida, de que a unidade eclesial significa ausência de conflito, mostrando que um corpo vivo é aquele que sabe acolher e metabolizar tensões. Uma limitação, contudo, é que Palafox poderia ter detalhado mais as condições institucionais que permitiriam essa inclusão efetiva: o texto aponta para a necessidade de mudança, mas deixa em aberto as perguntas sobre os mecanismos e os limites dessa abertura.

O último capítulo, escrito por Gabriela María Di Renzo, trata de “La escucha de las mujeres en la conversación en el Espíritu: un abordaje interdisciplinar”. Di Renzo aborda o tema da exclusão histórica das mulheres na Igreja, analisando a escuta como prática ética, psicológica e teológica.

Ela propõe que a verdadeira escuta não é apenas acolher a palavra do outro, mas reconhecer o outro na sua singularidade e diferença, o que exige reverter o silêncio a que as mulheres foram submetidas. O texto articula de forma interdisciplinar os desafios de gênero com a prática sinodal, propondo que a conversação no Espírito deve ser um espaço profético onde as vozes femininas, muitas vezes marginalizadas, sejam plenamente reconhecidas e valorizadas. Um mérito importante deste capítulo é que ele não trata a questão apenas como um problema específico das mulheres, mas como um desafio estrutural que, ao ser enfrentado, enriquece toda a comunidade eclesial. No entanto, o texto poderia ter explorado mais as resistências culturais e institucionais que impedem essa escuta plena, assim como propor caminhos mais concretos para superar tais bloqueios.

Em conjunto, esta quarta parte do livro acrescenta uma camada essencial à obra, porque traz para o centro da reflexão não apenas as estruturas e métodos, mas os sujeitos concretos, com as suas fragilidades, as suas diferenças e as suas vozes plurais. Ela desafia o leitor a perceber que a conversação no Espírito não é um ideal abstrato, mas uma prática exigente que envolve confiança, abertura ao conflito e reconhecimento das marginalidades históricas. Apesar de ter limitações, como todas as obras, contribui para complexificar e aprofundar a reflexão, mostrando que uma Igreja sinodal requer, acima de tudo, coragem para enfrentar os desafios humanos, psicológicos e sociais que atravessam qualquer processo de diálogo autêntico.

O *Epílogo*, assinado por Fernando Soler, funciona como uma conclusão reflexiva e, em simultâneo, como um convite em aberto. Soler retoma o episódio emblemático dos discípulos de Emaús (Lc 24,15), destacando a riqueza do verbo grego *syzeteo* — que significa não apenas “discutir” ou “disputar”, mas também “buscar juntos”. Essa escolha não é meramente exegética: ela revela a convicção central do autor de que a conversação no Espírito não é uma técnica nem um formato organizativo, mas uma dinâmica espiritual enraizada no encontro comunitário e na busca partilhada pelo sentido.

Soler sublinha que esta obra não pretende dar respostas definitivas, mas sim inaugurar um espaço de perguntas, dúvidas e pistas abertas para a reflexão e para a prática. Esta honestidade intelectual é um ponto a destacar: em vez de fornecer uma conclusão normativa, reafirma o caráter experimental e processual da obra, coerente com a própria natureza do tema tratado. O autor sugere que a conversação espiritual, ao estilo de Emaús, é uma experiência que transforma não apenas as ideias, mas os sujeitos e os vínculos comunitários.

Contudo, uma limitação que se pode apontar ao epílogo é a sua falta de sistematização. Teria sido oportuno que Soler articulasse com mais clareza as tessituras que atravessaram os diferentes capítulos, apontando, por exemplo, convergências, tensões e lacunas identificadas ao longo do volume. Além disso, faltam indicações mais explícitas de caminhos futuros de pesquisa e de prática, que poderiam ter servido como um estímulo adicional para teólogos, pastores e comunidades continuarem o seu trabalho.

Apesar dessas limitações, o epílogo cumpre bem a função de fechar a obra num tom de esperança e abertura, reafirmando que a conversação no Espírito é um caminho sempre renovado, no qual a Igreja se descobre continuamente como comunidade em discernimento e escuta.

Por fim, a obra *Teología de la conversación en el Espíritu* apresenta-se como uma obra de notável relevância para o momento atual da vida eclesial, em que a sinodalidade e a prática da conversação no Espírito ganham centralidade renovada. Trata-se de um volume plural e corajoso, que reúne vozes de diferentes áreas — bíblica, teológica, histórica, pastoral e psicológica — num esforço interdisciplinar raro e, por isso mesmo, precioso. Sem pretender oferecer definições fechadas ou modelos rígidos, o livro tem a elegância discreta de se assumir como um convite: um espaço para que a reflexão, o questionamento e a busca conjunta possam amadurecer no seio das comunidades e no coração dos processos sinodais.

O maior mérito desta obra está precisamente no seu caráter processual e plural. Cada parte, cada capítulo, cada autor contribui com

uma peça, um ângulo, uma perspectiva, compondo um mosaico que não quer impor uma leitura única, mas abrir caminhos, iluminar perguntas e provocar um discernimento mais profundo. Ao fazer isso, o livro honra o espírito mesmo do tema que explora: a conversação no Espírito não como mero método organizacional, mas como um modo de ser Igreja, marcado pela escuta, pelo diálogo, pelo acolhimento da diversidade e pelo discernimento conjunto.

Num tempo em que a Igreja universal procura redescobrir o que significa ser “constitutivamente sinodal”, este volume oferece um contributo de grande utilidade. Ele não apenas resgata tradições, figuras e práticas do passado, mas desafia a integrar essas heranças com os desafios concretos do presente — desde os bloqueios psicológicos pessoais até as estruturas institucionais que ainda resistem à escuta plena das diferenças, inclusive das vozes femininas e dissidentes.

Discretamente, sem triunfalismos, a obra posiciona-se como uma referência importante para quem deseja pensar e praticar a sinodalidade de forma séria, espiritual e comprometida. Ela é, em muitos sentidos, um livro-ponte: entre disciplinas, entre gerações, entre contextos, entre sonhos e realidades. Por isso, apesar de se reconhecerem as inevitáveis limitações e lacunas de um projeto coletivo, pode afirmar-se com justiça que esta é uma contribuição preciosa e oportuna para um tempo em que a conversação no Espírito emerge, mais do que nunca, como o momento fulcral da vida da Igreja.